

SANDRA JATAHY PESAVENTO: ENTRE REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA, ESPAÇOS E VIAGENS INTELECTUAIS

*SANDRA JATAHY PESAVENTO:
BETWEEN SCIENTIFIC COLLABORATION NETWORKS,
SPACES AND INTELLECTUAL TRAVEL*

Luciana Rodrigues Gransotto¹

Cristina Scheibe Wolff²

RESUMO

Através de uma história dos deslocamentos intelectuais da historiadora gaúcha Sandra Jatahy Pesavento, pretendemos refletir sobre como as experiências de mobilidade científica se destacam na sua produção e como foram se mobilizando ao longo do tempo. Privilegiamos a reflexão que estabelece o cruzamento de elementos presentes na sua produção científica entre as décadas de 1990 e 2000: as viagens acadêmicas, sua formação em Paris, o engajamento com outros/as pesquisadores/as e a liderança em projetos de pesquisa nacionais e internacionais. Seu posicionamento interdisciplinar, acompanhando o movimento historiográfico da mesma geração de historiadores/as, passou por significativas rupturas conceituais, temáticas e metodológicas. Considerando que o percurso da historiadora não se fez de maneira unilateral, a construção da rede de colaboração, como um processo, foi um exercício de constantes esforços. O movimento de aproximação e de encontros entre diferentes grupos e pesquisas passa a ter efeitos significativos nas trajetórias individuais, em uma dinâmica relacional de trocas e de grande circulação internacional. Trazemos para este artigo a perspectiva da mobilidade científica como elemento estruturante para um projeto intelectual de uma carreira acadêmica, que também passa por questões de gênero. Se, por um lado, a abertura para entrada das mulheres na academia, em todos os níveis educacionais, foi um avanço significativo, por outro, trouxe à tona os desafios das disparidades de gênero relacionadas à progressão da carreira intelectual e à demanda pela alta produtividade científica e as relações hierárquicas impostas dentro e fora das instituições.

Palavras-chave: Sandra Jatahy Pesavento. Mobilidade científica internacional. Viagens intelectuais. Trajetória intelectual. Estudos de Gênero. Estudos feministas.

ABSTRACT

Through a history of the intellectual dislocations of the gaúcha historian Sandra Jatahy Pesavento, we intend to reflect on how scientific mobility experiences stand out in their produc-

1 Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC

2 Professora titular do Depto de História - UFSC

tion and how they have been mobilized over time. We privilege the reflection that establishes the intersection of elements present in her scientific production in the decades of 1990 and 2000: academic travels, training in Paris, engagement with other researchers and leadership in national and international research projects. Her interdisciplinary positioning, following the historiographical movement of the same generation of historians, has significant conceptual, thematic and methodological ruptures. Considering that the historian's trajectory was not made unilaterally, the construction of the collaboration network, as a process, was an exercise of constant efforts. The movement of approximation and encounters between different groups and researches starts to have significant effects on individual trajectories, in a relational dynamic of exchanges and great international circulation. We bring to this article the perspective of scientific mobility as a structuring element for an intellectual project of an academic career, which also involves gender issues. If, on the one hand, the opening for women to enter the academy, at all educational levels, was a significant advance, on the other, it brought to light the challenges of gender disparities related to intellectual career progression and the demand for high productivity scientific and hierarchical relationships imposed inside and outside of institutions.

Keywords: Sandra Jatahy Pesavento. International scientific mobility. Intellectual travels. Intellectual trajectory. Gender Studie. Feminist studies.

INTRODUÇÃO

A mobilidade científica é um processo que envolve diferentes modos de produção do conhecimento, através da experiência de vida dos pesquisadores/as em outros territórios e culturas, ou a partir das colaborações e trocas intelectuais. Nas trajetórias acadêmicas mais desenvolvidas, ou seja, na etapa de formação avançada, que ocorre durante e depois do pós-doutoramento, o aprimoramento no exterior e a construção de redes internacionais se torna um exercício que, tanto busca posicionamento social mais representativo, quanto estimula rupturas epistemológicas, o que é sempre algo marcante na carreira de um/a professor/a-pesquisador/a. Entendemos que esses movimentos passam a ter uma dimensão existencial, na medida em que contribuem para a constituição do 'ser' e 'estar' intelectual. A reflexão desse texto segue nessa direção, buscando compreender de que forma certos processos de mobilidade acadêmica ao exterior implicam nas relações estabelecidas ao longo de uma vida profissional, nos deslocamentos historiográficos, desafios, confrontos, influências. E na extensão dessas experiências: onde elas se encontram, na prática, na produção científica e como vão transformando, se mobilizando ao longo do tempo?

Considerando que nesse processo haverá variações, pois uma trajetória é sempre única, a circulação em locais de formação intelectual passa, invariavelmente, pela prática de socialização, em dois sentidos, conforme refletido por Ângela de Castro Gomes: o primeiro "remete às estruturas or-

ganizacionais da sociabilidade através de múltiplas e diferentes formas que se alteram com o tempo, mas que têm como ponto nodal o fato de se constituírem nos *loci* de aprendizagem e trocas intelectuais”; o segundo está relacionado com as redes que estruturam as relações entre os intelectuais”, ou seja, o espaço é tanto aquele geográfico, como também comporta afetividade, através dos “vínculos de amizade/cumplicidade e de hostilidade/rivalidade”, assim como da “marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupos especiais.” (GOMES, 1993, p. 65). Essa socialização também está marcada pelo gênero, que coloca seus próprios desafios para as carreiras de pesquisadoras mulheres, e, por outro lado, lhes dá ferramentas para navegar os vínculos afetivos e sensíveis (SMITH, 2003).

Para refletir sobre esse tipo de circulação internacional, trazemos para o texto uma análise de parte dos percursos da historiadora gaúcha, Sandra Jatahy Pesavento (1946-2009), acompanhados por deslocamentos acadêmico-intelectuais, os quais propiciaram novas posturas e abordagens teóricas. Podemos afirmar que sua trajetória está conectada de forma significativa com a mobilidade internacional. No início dos anos 1990, a historiadora inicia um repertório de viagens acadêmicas pelo Brasil e outros países, sobretudo para a França, onde construiu uma rede de pesquisadores/as de diferentes campos disciplinares, especialmente nas instituições de Paris, onde se encontram os laboratórios voltados ao estudo sobre a América Latina, a exemplo da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS) e do *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine* (IHEAL), ligado à *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3*. Durante a inserção nessas redes, ela desenvolveu um trabalho como mediadora e interlocutora entre a UFRGS e as instituições universitárias estrangeiras. Em um esforço contínuo para manter diálogos com essas relações estabelecidas, os trânsitos permitiram maior autonomia para coordenar projetos de pesquisa sob o aporte das agências nacionais de fomento, beneficiando e qualificando a comunidade científica brasileira em que Pesavento fazia parte. É no encontro ‘das linhas dos tempos’ de mobilidade dessa historiadora que focalizamos nossa atenção: na formação no exterior, na constituição de redes de contatos, com diferentes grupos de pesquisa, na busca por fontes e objetos de estudo, na aliança e estabelecimento de acordos institucionais. Podemos dizer que nesses movimentos, a viagem intelectual, inserida no processo de internacionalização do conhecimento - considerando seus modos e práticas particulares, os espaços específicos de socialização e aprendizados no exterior -, está relacionada com a construção de um certo “*ethos* internacional”, na dinâmica da sociedade intelectual contemporânea (DAHAN-GAIDA, 2016). Navegando por tudo isso está a historiadora-viajante que se dedica aos estudos sobre

as cidades: a viagem se torna uma prática de vida, um exercício de deslocamento geográfico e intelectual que permite a comparação, a observação e a interpretação a respeito de um outro lugar, o lugar da estrangeira. Percebemos que a viagem é, nesse sentido, para os/as intelectuais, um “processo cognitivo onde um corpo móvel escuta, sente, caminha, observa, percebe e utiliza, em seguida, suas capacidades críticas de escrever de uma maneira científica.” (GRANSOTTO e WOLFF, 2019, p. 1). Esta navegação inclui o deslocamento espacial, mas também as habilidades necessárias para a localização, para arregimentar uma tripulação, para negociar em cada porto as suas “mercadorias”, o conhecimento dos mapas e relatos de viajantes anteriores, a sensibilidade para os ventos, marés, ondas.

1 Mulheres intelectuais: reconhecimento, acervos e legitimação

No século XIX, a noção de intelectual ainda não aparecia no dicionário francês Littré³ e muito menos era citada nos grandes dicionários franceses do século XVII, segundo Danielle Haase-Dubosc (2001). A inteligência de “eruditos, sábios ou filósofos”, geralmente vinculada ao masculino, associava-se a expressões como “*l’esprit de finesse ou de géometrie*”, “genialidade” e “honestidade”, as quais podem identificar melhor o que se entendia por intelectual naquele século (HAASE-DUBOSC, 2001). Homens e mulheres intelectuais eram reconhecidos/as pela sua atuação intelectual pública, vinculada à política e ao meio social. Na França, “*le métier d’intellectuel*” ou a “profissão do intelectual”, foi praticada nas academias, nas sociedades eruditas e nos salões onde homens e mulheres se reuniam para encontros de debates públicos. O advento de uma nova categoria, “mulheres intelectuais”, só foi possível a partir do projeto de sociedade, implantado ainda no final do século XVI, que objetivava conceder a elas o papel de “civilizadoras da moral”. Para que isso fosse possível, precisavam ser julgadas capazes de atuar no campo político e ter acesso a espaços de criação, como a arte e a escrita.

No entanto, apesar da sua participação nos debates e por serem proclamadas ou proclamarem-se mulheres inteligentes ou sábias, “conheceram um espaço de liberdade de expressão limitada ao seu status de intelectual, o qual está intimamente ligado à subordinação do seu gênero ‘frágil’: daí as múltiplas estratégias que empregavam para fazer conhecer seus

³ Disponível em: <https://www.littre.org/>

⁴ Expressões francesas propostas pelo matemático, físico, escritor e filósofo francês, Blaise Pascal (1623-1662).

pensamentos". O momento de "polifonia política" francesa ampliou os espaços de sociabilidade intelectual e, "à primeira vista, parecia tão favorável ao desenvolvimento da mulher intelectual", segundo Haase-Dubosc (2001, p. 2, tradução nossa).

Na abertura do dossiê intitulado *À la découverte des intellectuelles*, Florence Rochefort (2001) indica que se, dentro do espaço acadêmico, a feminização do substantivo 'intelectual' não gera grandes desconfortos, o mesmo não acontece na historiografia e no debate midiático. A ilegitimidade das mulheres na política e na vida pública, para ela, "levou à sua remoção da história e mais ainda da história dos intelectuais" (ROCHEFORT, 2001, p.1, tradução nossa). Se algumas referências escaparam da invisibilidade, ainda assim foram percebidas como exceções ou, segundo a autora, limitadas a um papel secundário, a exemplo de Madame de Staël, Simone de Beauvoir e Simone Weil. Dentro desse contexto, os estudos feministas já apontaram, em diferentes disciplinas, que é necessário expandir a reflexão a respeito das categorias de referência em si para um *corpus* feminino ou a um *corpus* misto:

Questionando a suposta masculinidade do intelectual, interroga-se não apenas os processos de ocultação das mulheres na história e na cultura, mas também a relação ambígua da esfera intelectual com o poder. Quer se considere o intelectual do ponto de vista sociológico ou político, quer ele seja designado como um intelectual orgânico ou específico, é um certo espaço político e cultural que se forma e se auto-representa através da mídia, assim como através do conhecimento. (ROCHEFORT, 2001, p. 1 tradução nossa).

O feminismo de segunda onda, na França, iniciado na década de 60, carregando forte dimensão cultural dos saberes estabelecidos até então, questionou paradigmas e, no que tange à história, segundo Françoise Thébaud (2009), veio para preencher os vazios que a história oficial/universal nos deixou com relação à história das mulheres. Os usos do conceito de gênero na análise histórica "interpelam ao mesmo tempo a história das mulheres e a história geral, fazendo deste campo de pesquisa um lugar vivo, dinâmico, aberto sobre a interdisciplinaridade e às trocas com o exterior", questionando, assim, a sobreposição do masculino nos diferentes contextos intelectual, social e político, contribuindo para o "deslocamento de uma história no feminino." (THÉBAUD, 2009, p. 38-40).

As historiadoras Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007), no arti-

go *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*⁵, indicam que o periódico acadêmico francês *Annales*, ao expandir o quadro de pesquisas e fontes, no início da década 1920, contribuiu para que as mulheres - e também outros grupos sociais invisibilizados - começassem a ser incorporados, aos poucos, à historiografia. Em entrevista Silva (2003, p. 208), Françoise Thébaud narra que na França, a “Associação para o Desenvolvimento da História das Mulheres e do Gênero”, subtítulo “Mnemosyne”, fundada por Thébaud, no ano de 2000, pretende o “reconhecimento intelectual e institucional da história das mulheres e do gênero”, dentro da esfera acadêmica, de forma a difundir e possibilitar apoio para que pesquisadoras continuem realizando e avançando em suas pesquisas.

No Brasil, para as autoras Soihet e Pedro (2007), esse percurso teórico foi significativo a partir do ano de 1984, quando Maria Odila Leite da Silva Dias, Margareth Rago, Miriam Moreira Leite e entre outras intelectuais de referência fizeram emergir reflexões sobre a história das mulheres. Trabalhos historiográficos apresentados em eventos científicos também têm contribuído para a constituição e legitimação da história das mulheres, sobretudo aqueles realizados pela Associação Nacional de História, resultando em publicação de dossiês de revistas especializadas em História das Mulheres e Estudos de Gênero, a exemplo da Revista Estudos Feministas e entre outras dedicadas a esses temas⁶, conforme informam as autoras.

O reconhecimento da História das Mulheres, também tem sido feito através dos arquivos e acervos, dentro do processo de conhecimento científico, em consonância com as reflexões dos estudos feministas. Como disse Michelle Perrot (2020), na conferência de abertura do encontro intitulado *Au bonheur des archives féministes*⁷, realizada na *Bibliothèque Marguerite Durand*, os arquivos são patrimônios. Não existe e nem existirá história sem arquivos e, por consequência, a história será construída através dos documentos que guardamos e preservamos. E, em se tratando de arquivos feministas e arquivos de mulheres, ainda há uma outra função, para além

5 As autoras refletem a historicidade das categorias de análise “mulheres” e “gênero” no Brasil, objetivando contribuir para a legitimidade dos campos de estudos “História das Mulheres” e das “Relações de Gênero”.

6 As autoras citam as Revista Esboços, Revista ArtCultura, Revista Fronteiras e Revista Brasileira de História.

7 O encontro aconteceu no dia 07 de março de 2020, na *Bibliothèque Marguerite Durand*, dentro da programação da jornada internacional dos direitos das mulheres e em parceria com a biblioteca/medioteca Jean-Pierre Melville. O evento foi apresentado por Annie Metz, diretora da biblioteca Marguerite Durand, e contou com intelectuais da História das Mulheres e do feminismo que possuem pesquisas relacionadas às coleções da biblioteca. Acesso à programação do evento no site: <https://quefaire.paris.fr/100356/au-bonheur-des-archives-feministes-saison-2>.

daquela destinada aos acervos, de resguardar a memória, segundo Perrot (2020), trata-se do compromisso de atribuir reconhecimento às histórias das mulheres, de fazê-las saírem do silêncio. Nesse sentido, em recente entrevista, a historiadora Luciana Heymann (2020)⁸, referindo-se à desigualdade quanto ao número de arquivos de mulheres em relação ao de homens, no Brasil, aponta que “privilegiar arquivos de mulheres é uma forma de ativismo diante da invisibilidade da atuação feminina em diferentes áreas da vida social”. Considerando essa baixa representatividade de acervos e arquivos de mulheres em espaços e instituições de memória, o acervo Sandra Jatahy Pesavento⁹, constituído através dos documentos do arquivo pessoal da historiadora, é uma fonte de pesquisa histórica sobre a História das Mulheres, assim como um reconhecimento institucional sobre a sua trajetória intelectual. Como escreveram Nádia Maria Weber Santos – historiadora e coordenadora do acervo SJP e quem tem se dedicado há anos, tanto para o resguardo da memória, quanto para a difusão dos trabalhos intelectuais de Pesavento - e Maximiliano Martins de Meireles (2019), esse acervo é um campo de pesquisa onde encontramos diferentes inserções dela ao longo da carreira acadêmica conduzida, sobretudo, pela História, através da docência e da pesquisa. Os autores referenciam as possibilidades de investigação que o acervo propicia, considerando três principais frentes, o que faz compreender a sua dimensão interdisciplinar, através dos materiais e documentos de pesquisa:

1) do lugar de intelectual e teórica – suas contribuições na produção do pensamento historiográfico no Brasil e mais especificamente no contexto do Rio Grande do Sul; 2) do lugar de professora - sua carreira docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, no âmbito da graduação e da pós graduação em História; 3) do lugar de pesquisadora – as pesquisas desenvolvidas no contexto do Programa de Pós Graduação de História/UFRGS e no âmbito de Pesquisadora de produtividade do CNPq, sua atuação tanto como docente, orientadora, quanto coordenadora; membro da equipe editorial de vários periódicos acadêmicos no Brasil e no exterior; membro de conselho consultivos; membro de associações de historiadores internacionais; membro de Centros de Pesquisas; membro criadora de Grupos de

8 Acesso à entrevista na íntegra, disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-com-luciana-heyman/>

9 Equipe curatorial do acervo Sandra Jatahy Pesavento: Nádia Maria Weber Santos (coordenadora), Simone Steigled, Hilda Jaqueline de Fraga; Alexandre Veiga; Anelda Oliveira e Luciana Rodrigues Gransotto.

Trabalho (GT de História Cultural na ANPUHS (1997) e na ANPUH Nacional (2001); coordenadora de Acordos CAPES/COFECUB (França/Brasil). (SANTOS; MEIRELES, 2019, p. 4)

Na presente pesquisa, a escolha dos documentos do acervo, como suporte para a reflexão sobre a trajetória da historiadora, está relacionada às suas experiências de mobilidade científica, através dos acordos institucionais, correspondências trocadas com seus pares intelectuais, publicações, certificados de participação e convites para conferências em congressos, documentação de projetos de pesquisa - sobretudo através das instituições de fomento Fapergs, Capes e CNPq -, formalizações para concessão de bolsas de formação no exterior, planos de estudos e entre outros. Pretendemos com isso, reconhecer alguns elementos que contribuem para a circulação de intelectuais no cenário acadêmico internacional, considerando que as suas experiências de deslocamentos, materializadas nas suas produções científicas, apontam para uma trajetória com forte ‘senso de mobilidade’.

2 Uma intelectual nascida em 1946¹⁰

Na educação, em meados do século XX, no Brasil, a luta pela igualdade favoreceu um maior acesso e entrada das mulheres na universidade do que em épocas anteriores, vindo a ser intensificado com a redemocratização após a Ditadura iniciada em 1964, e através de um discurso modernizador e progressista. Para Jaqueline Leta (2003), embora a institucionalização da ciência brasileira tenha acontecido tardiamente, foi nas décadas de 1980 e 1990 que as mulheres ganham um espaço representativo nas universidades, oportunizando a inserção de algumas delas em diferentes quadros das universidades brasileiras, a considerar a contratação de docentes, a coordenação de cursos e outros cargos administrativos. No entanto, essas contratações não acompanharam o crescimento da entrada das brasileiras nas universidades. Ser professor/a de ensino superior significa prestígio e está relacionado com as relações de poder, mas também, questões de gênero. A conquista de mais espaço no meio acadêmico, portanto, não foi um processo isolado. Se, por um lado, a abertura para entrada das mulheres na

¹⁰ Esse subtítulo foi inspirado no capítulo *Historiennes et historiens baby-boomers: une génération pivot?* de Jean-François Sirinelli, integrante da obra coletiva *Généralisations historiennes – XIXe – XXIe siècle*, publicação do CNRS Éditions, de 2019. No texto, o autor nomeia um dos subtítulos do capítulo como “Né en 1949” (nascido em 1949), referindo-se ao ano de seu nascimento, justamente por se tratar de um período da geração de *baby-boomers*, a qual ele reflete, aproximando as suas próprias experiências intelectuais. Aqui nos referimos ao ano de nascimento de Pesavento, que foi no ano de 1946.

academia, em todos os níveis educacionais, foi um avanço significativo, por outro, trouxe à tona os desafios das disparidades de gênero relacionadas à progressão da carreira intelectual e à demanda pela alta produtividade científica e as relações hierárquicas impostas dentro e fora das instituições.

Com relação às historiadoras brasileiras, Carmen Liblik (2015) aponta que a incursão delas nos cursos superiores de história aconteceu mais fortemente nas décadas de 1960 e 1970, acompanhando o incentivo a investimentos no ensino superior. Esse movimento de inserção nas universidades também está articulado à profissionalização das historiadoras, possibilitado pela formação.

Mais do que um simples desejo de contribuir para a educação brasileira, a necessidade de trabalhar para ser independente ou para manter as condições materiais da família foi um dos motivos essenciais nesse processo. No contexto do desenvolvimento da emancipação feminina das décadas de 1960 e 1970, uma autonomia financeira total ou relativa em relação ao sexo masculino em seu grupo social – pais, irmãos e cônjuges – tornou-se um objetivo a ser alcançado por estas mulheres que não pretendiam renunciar aos caminhos que estavam se abrindo. (LIBLIK, 2015, p. 24)

A primeira geração de historiadoras brasileiras¹¹ se encontra no período de 1934 até 1970 e a segunda, de 1960 até 1990, segundo Liblik (2017), que trabalhou em sua tese de doutorado a respeito da trajetória profissional das duas primeiras gerações de historiadoras. Dentro do contexto histórico da época, a primeira geração de historiadoras¹² “acompanhou a iniciação e consolidação das pesquisas, objetos e procedimentos vinculados à história, além de ter presenciado e, em alguns casos, até assumido o posto de cátedra” – já a segunda geração, “a partir da década de 1980, com os cursos

11 A autora baseou-se em estudos de reconstituição de linhagens historiográficas propostas por Capelato, Glezer e Ferlini, “Elas evidenciaram três momentos distintos na escola uspiana de história – a USP teve papel fundamental na formação de outros cursos de História, especialmente os das regiões Sul e Sudeste.” (LIBLIK, 2016, p. 8).

12 A primeira geração de historiadoras, estudada por Liblik: Alice Piffer Canabrava, Olga Pantaleão, Maria Yedda Linhares e Eulália Lahmeyer Lobo. A segunda geração estudada pela autora: Laura de Mello e Souza (USP), Leila Mezan Algranti (Unicamp), Maria Lígia Coelho Prado (USP), Magali Gouveia Engel (UFF), Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ), Ana Maria Burmester (UFPR), Joana Maria Pedro (UFSC), Ismênia de Lima Martins (UFF), Suely Gomes Costa (UFF), Maria Luiza Marcílio (USP), Maria Helena Rolim Capelato (USP), Aidyl de Carvalho Preis (UFF), Rachel Soihet (UFF), Helena Isabel Muller (UFF, UEPG), Maria Ignes Mancini de Boni (UFPR).

de pós-graduação já estruturados, teve uma produção acadêmica regularmente organizada e aberta para a ampliação do quadro de profissionais nas universidades.” (LIBLIK, 2017, p. 8). Essa segunda geração, ainda nos resultados da pesquisa da autora, teve o desafio de passar pela transformação de tempos difíceis: tanto em função do longo período de ditadura militar no Brasil, da contracultura, quanto pela Reforma Universitária, realizada no ano de 1968. Junto com essa significativa transição dos tempos, estão as mudanças relacionadas aos temas de pesquisa e os procedimentos metodológicos em que elas passaram.

Seguindo esse critério geracional, Sandra Jatahy Pesavento, nascida em 1946, licenciada em História, pela UFRGS (finalizando em 1969), foi uma historiadora da segunda geração. Foi também professora, intelectual e viajante. Filha única, teve uma boa condição social, propiciada pelo pai, Cássio Silveira Jatahy e pela mãe, Hedy Lima Jatahy, falecida precocemente, quando Pesavento tinha menos de quarenta anos, uma das grandes perdas na sua vida. Desde cedo estudou a língua francesa e teve acesso a uma biblioteca particular, constituída de livros adquiridos pelo seu pai, um homem culto e que acabou se tornando uma referência importante na sua vida. Esses estímulos são significativos para a escolha de uma carreira intelectual. Posteriormente, na vida adulta, a sua independência financeira se deu através da sua profissão e de seu esposo, Roberto Pesavento, com quem teve dois filhos, Rodrigo Jatahy Pesavento e Ana Paula Jatahy Pesavento Cabral. É importante destacar que o percurso que ela percorreu para conquistar a autonomia profissional está vinculado ao próprio processo de emancipação profissional das intelectuais de sua geração, que passou por conquistas, mas também negociações e concessões importantes. Um exemplo é a formação acadêmica na pós-graduação e a maternidade, pois a participação das mulheres não representa a desobrigação ou diminuição das responsabilidades com os filhos e nem mesmo com as tarefas de casa. No caso de Pesavento, o mestrado em História foi realizado na PUCRS (finalizando em 1978)¹³, com um filho ainda pequeno em meio ao nascimento da filha. O doutorado em História Social, realizado na USP (finalizando em 1987)¹⁴ - considerando que não havia até aquele momento nenhum curso de doutorado em História nas universidades de Porto Alegre - foi entre idas e vindas semanais, permanecendo pouco tempo em São Paulo, em função dos compromissos profissionais, mas também por causa dos cuidados com os filhos, mesmo com suporte familiar.

Seu vínculo profissional com a Universidade Federal do Rio Grande

13 Sob orientação do historiador Earle Diniz Macarthy Moreira.

14 Sob orientação da historiadora Suely Robles de Queiroz.

do Sul iniciou já aos vinte e cinco anos, no ano de 1970, como estagiária do departamento de História. No mesmo ano ela passa a ser auxiliar de ensino, ficando nesse cargo até 1977. Já como servidora pública, foi professora assistente, de 1977 até 1983, professora adjunta, de 1983 até 1991, momento em que conquistou o cargo de professora titular no departamento de História da UFRGS - na cadeira de História do Brasil -, cargo mantido até o ano de 2008, quando a historiadora passou a ser professora aposentada da UFRGS, permanecendo com a categoria de professora convidada do PRO-PUR¹⁵ até o ano de seu falecimento.

Assim como outras intelectuais de sua época, Pesavento contribuiu para o processo de elaboração, implantação e implementação do Programa de Pós-Graduação de História, nos cursos de mestrado e doutorado em História, credenciados – ainda que tardiamente, em relação a outras unidades federais e particulares - em 1986 e 1995, respectivamente. Desde o final da década de setenta, foi membro editorial e/ou consultivo de diversas revistas e integrou diferentes comissões vinculadas ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Assumiu a coordenação do curso de Pós-Graduação da História, do ano de 1997 até o ano de 2001, cumprindo dois mandatos, no mesmo período em que coordenou o Grupo de Trabalho História Cultural da ANPUH (Associação Nacional de História) do Rio Grande do Sul, logo no momento de criação, sendo uma das principais responsáveis pela concretização do grupo. No mesmo ano da fundação do GT, foi realizada a 1ª Jornada de História Cultural, onde esteve presente o historiador francês, François Hartog, da EHESS, para proferir uma conferência. O seu envolvimento junto à ANPUH foi cedo, já durante a sua fase de graduação. Pode-se dizer que o investimento nessa instituição foi uma das escolhas mais marcantes na sua vida profissional, já que também coordenou o Grupo de Trabalho Nacional de História Cultural desde 2001 até o ano de sua morte. A presença de importantes referências estrangeiras nos eventos em que Pesavento esteve à frente, ligadas principalmente à História Cultural, pesquisadores da América Latina e da historiografia francesa, como Carlo Ginzburg, Michelle Perrot, Roger Chartier, Carlo Ginzburg, Chiara Vangelista, Serge Gruzinski, Frédérique Langue, Jacques Leenhardt, Carmen Bernand, e entre outros/as, acabou se tornando frequente e são um dos resultados do seu processo acadêmico de internacionalização.

A partir do mapeamento dos seus deslocamentos, tanto geográfi-

15 Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As informações sobre as datas foram retiradas do currículo lattes da historiadora, ainda disponível para acesso no endereço <http://lattes.cnpq.br/1760145213009265>.

cos, teóricos, quanto institucionais, percebemos como as trajetórias intelectuais da historiadora se entrecruzavam: de um lado seu envolvimento nessas redes internacionais, como será melhor referenciado mais adiante e, de outro, sua relação com as redes nacionais e instituições, como a já referida ANPUH, a USP, principalmente no campo da História, mas também no próprio espaço acadêmico, em um exercício interdisciplinar que começa a ganhar cada vez mais força nas suas investigações. Essa maior abertura para novos campos de conhecimento se percebe a partir de 1986, quando a historiadora se aproximou do grupo de professores/as do PROPUR (Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) para realização de um projeto com apoio do CNPq e da FAPERGS, entre os anos 1990 e 1992, com a temática “Cultura e cidade”, dedicando-se aos estudos sobre imaginário e representações. Em seguida, em 1993, integrando o corpo docente desse programa, suas pesquisas se voltaram mais fortemente para as questões da cidade, do urbano, da literatura e das imagens, dentro do campo da História Cultural. Nesse espaço de tempo de transições teóricas, formou parcerias intelectuais importantes, como foi o caso da professora e arquiteta Célia Ferraz de Souza, com quem organizou algumas obras coletivas, congregando diversos/as pesquisadores/as nessas reflexões (FIALHO; MONTEIRO; SANTOS, 2015). Um exemplo é o livro “Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano”¹⁶, resultado de um encontro sobre Imagens da Cidade¹⁷, coordenado por ambas. As problematizações concentraram-se em três grandes temas, voltados às preocupações do planejamento urbano, associado às sociabilidades praticadas em uma cidade: “a formação do imaginário urbano”, “Urbanismo e suas representações” e “Imagem como campo de poder e saber”.

É relevante situar, dentro desse contexto, que a emergência de outros posicionamentos intelectuais, fez a História Cultural no Brasil sair de um espaço ainda marginal, passando a ocupar um lugar central na História e em outras áreas do conhecimento. Sirinelli (2019), em seu estudo sobre a geração de historiadores/as denominada *baby-boomers*¹⁸ - pessoas nascidas

16 Referência completa da obra: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SOUZA, Celia Ferraz. Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano. 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

17 O evento foi promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em abril de 1994, através do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR). Informações retiradas da introdução da obra supracitada.

18 No texto, o autor utiliza o termo *baby boomers* associado, sobretudo, aos historiadores/as da França, da geração que protagonizou os eventos de maio de 1968 e que teve fortes

entre os anos de 1945 e 1955 -, percebe essas mudanças de direcionamento profissional dos/as historiadores/as através dos efeitos da globalização e da revolução digital, em uma aceleração dos tempos imaginada, mas jamais sentida. Essa metamorfose, vivenciada na maturidade desses/as intelectuais, segundo esse autor, propiciou uma liberdade favorável na criação de seus trabalhos. E enquanto a geração de historiadores/as anterior percebia o seu campo como central, sem grandes preocupações de aproximações com as outras disciplinas, em termos epistemológicos - embora tenham passado por mudanças historiográficas em sua época - a nova geração surgiu com uma “margem de manobra intelectual” considerável:

[...] a disciplina histórica conheceu sua hora de radiação muito forte, mas tornou-se ao mesmo tempo menos imperial - e até menos imperialista - diante dessas outras disciplinas e começaram a compor da mesma forma com elas e com as construções intelectuais que elas transmitiam. (SIRINELLI, 2019, p. 253-254, tradução nossa)

As mudanças, ainda para esse autor, trouxeram diálogos frutíferos entre as ciências sociais e humanas, como, por exemplo, a integração da História Cultural, funcionando, de certa forma, como um elo interdisciplinar entre os diferentes campos do conhecimento. No entanto, esse movimento veio acompanhado de novos desafios, seja no que tangem as práticas metodológicas, seja através da sociabilidade intelectual, no campo de atuação e nas posições de poder e de influências, que se encontram tanto no nível historiográfico, como institucional. Nesse sentido, foi preciso estabelecer e/ou assumir novas posturas e um reposicionamento da identidade intelectual do/a historiador/a como forma de legitimação nas suas áreas acadêmica e científica.

Foi também através de um caminho de efervescência intelectual, no Brasil, que as novas preocupações epistemológicas surgem, na virada dos anos 80 para os 90. Vindas na mesma onda de crise de paradigmas, considerando que a historiografia brasileira era dominada, até então, por uma postura marxista, a História Cultural, para Pesavento (2003), passa a ter uma outra dimensão. Esse campo viria como uma revisão dos pressupostos, como uma nova forma de pensar e representar a cultura, compre-

desdobramentos nas duas décadas seguintes, gerando um intenso movimento intelectual no país. Trazemos essa reflexão para o artigo, considerando o contexto do Brasil, onde intelectuais nascidos no mesmo período dessa geração *baby boomers* também passou por eventos históricos marcantes - sobretudo a ditadura militar - os quais foram responsáveis por rupturas epistemológicas, acompanhando, de certa forma, as transformações na história, no campo francês.

endendo-a como conjunto de significados partilhados e construídos para explicar o mundo. Era preciso reformular perguntas, diversificar as fontes, reconhecer outros sujeitos de pesquisa, rever os métodos de verificação, assim como revisitar conceitos - tais como os da representação, do imaginário e da sensibilidade -, mas também repensá-los e reapresentá-los.

Para colocar em prática as afinidades teóricas e as identificações ideológicas desse movimento pulsante de ideias, foi necessário o engajamento efetivo dos pares, da incorporação das trajetórias individuais, o que se fez através da publicação de obras coletivas, na realização de encontros e seminários, na construção de projetos financiados por órgãos de fomento à pesquisa, estruturas que estão entre os principais espaços de atuação e sociabilidade dos/as pesquisadores/as. Essa virada, rumo ao campo de conhecimento da História Cultural, implicou em resistências no meio acadêmico, a exemplo da própria UFRGS, onde Pesavento encontrou diferentes recepções de seus/suas colegas, sobretudo aqueles/as do programa de História dessa universidade, que em parte acabou tomando diferentes rumos na disciplina histórica, com outras preocupações teóricas. Em paralelo a esses novos posicionamentos epistemológicos, as viagens ao exterior começaram a se tornar cada vez mais frequentes na vida da historiadora para cumprir compromissos e atividades científicas – conferências, participação na organização de seminários e colóquios, realização de pós-doutorado, reuniões de grupos de pesquisa -, sobretudo nas suas longas estadias em Paris. Foi nesse momento que ela teve que lidar com acordos e desacordos dentro do espaço acadêmico – lugar que muitas vezes passa a ser uma arena de disputas, de jogos de poder e de vaidades intelectuais -, já que nem todos percebiam os seus afastamentos da mesma maneira. Esses afastamentos, na verdade, não significavam somente uma ausência física, mas, através do fortalecimento nas redes internacionais representava, por consequência, um fortalecimento do seu trabalho e da sua legitimidade no campo da História em nível nacional. Um dos resultados da internacionalização da sua pesquisa, aliado à trajetória como cientista no Brasil – considerando as experiências de docência, produção científica e projetos de pesquisa -, foi a conquista da bolsa de produtividade do CNPq na categoria 1A, nível mais elevado na carreira de um/uma docente no Brasil – e a considerar a desproporcional porcentagem da distribuição das bolsas dessa categoria às mulheres, ainda hoje em dia¹⁹ - sendo um dos resultados da internacionalização da sua produção científica. A historiadora conseguiu manter esse

19 Para essa discussão, sugerimos a leitura do artigo: GUEDES, Moema; AZEVEDO, Nara, FERREIRA, Luís Otávio. A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade CNPq, *Cadernos Pagu*, n. 45, p. 367-399, 2015

status até o final da sua vida. Embora a experiência tenha impulsionado de maneira significativa a sua trajetória, não podemos desconsiderar que o caminho fosse isento de desafios, preconceitos e barreiras - e nem significasse qualquer garantia de estabilidade intelectual - sobretudo pelo peso de ser uma mulher estrangeira, latino-americana, de origem indígena, em um território europeu.

3 Pesavento: primeiras inserções internacionais e a História das Mulheres

Porto Alegre foi o lugar em que a historiadora constituiu grandes laços afetivos, com sua família, especialmente seu esposo, seu filho e sua filha, e seu o trabalho, através da longa carreira docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apesar de ter se estabelecido e se fixado na cidade de Porto Alegre ao longo da vida – e ter feito dela sua maior fonte de pesquisa – as viagens fizeram parte de grande parte de seu percurso, tanto pessoal quanto profissional. Seus trânsitos acadêmicos internacionais começam, efetivamente²⁰, a partir do ano de 1990, quando a historiadora realizou o seu primeiro pós-doutorado na EHESS, sob supervisão do sociólogo Jacques Leenhardt, pesquisando sobre as Exposições Universais, com projeto intitulado “Modernidade e sistema de fábrica: a experiência das exposições burguesas na segunda metade do século XX”, considerando as exposições como “*synthèse et exteriorisation de la modernité*”. Esse projeto apresentava questões relacionadas à sua tese de doutorado²¹ e sua justificativa para realizar esse período de estágio de pesquisa foi em função de ser um tema bastante tratado pela historiografia francesa²². As abordagens de sua pesquisa eram pautadas nos estudos sobre a industrialização no sul do Brasil, no domínio do capital sobre trabalho, na formação da classe trabalhadora, na vida cotidiana e na ordem industrial urbana. Essas temáticas relacionam-se ao seu período de formação, da graduação até seu doutorado, e acompanham a sua produção científica, iniciada desde meados de 1970. Em menos de duas décadas, até o ano de 1991, Pesavento já havia escrito e publicado 20 livros individuais e mais de vinte e cinco outras produções, entre capítulos de livros coletivos e artigos publicados em revistas nacionais.

A participação da historiadora nos seminários ministrados por Lee-

20 Embora a historiadora já tivesse viajado à Paris anteriormente com interesse de conhecer as universidades francesas e estabelecer contatos para planejar a sua formação acadêmica.

21 Título da tese: Empresariado industrial, trabalho e Estado: contribuição a uma análise da burguesia industrial gaúcha (1889-1930), ano de obtenção: 1987.

22 Informações a partir da carta de intenção para realização de pós-doutorado sanduíche direcionada à Jacques Leenhardt. Consulta no material do acervo SJP, pasta “Correspondências”.

nhardt, no grupo de sociologia da literatura, da EHESS, nessa ocasião, propiciou um marco inicial das relações acadêmicas entre os dois intelectuais, ligados pelos caminhos da história cultural e da sua aproximação com a literatura e entre Pesavento e outros/as pesquisadores/as dessa mesma instituição. Essas conexões também permitiram, logo em seguida, o estabelecimento de novos vínculos, como foi o caso da relação com a historiadora francesa, Michelle Perrot. Pesavento realizou um segundo pós-doutorado, denominado “estágio de curta duração”, sob supervisão de Perrot, na *Université Paris VII/Jussieu*, que era professora, na época, da formação doutoral *Histoire et Civilisations Sociétés Occidentales*.

Em sua carta de intenção²³, Pesavento escreveu que buscava aprofundar os estudos sobre o imaginário e sobre as representações, questões que ela vinha se dedicando no campo da História Cultural. O protejo de pesquisa pretendia ainda trabalhar sob a perspectiva da “mulher imaginária”, produzida pelo olhar dos homens e da “mulher real”, nas sombras domésticas, na fábrica e nas ruas na segunda metade do século XIX, na cidade de Porto Alegre. Essas temáticas originaram-se a partir de um artigo publicado por ela em 1991, na revista *Literatura Brasileira*, organizada por Zahide L. Muzart²⁴. O texto demarca a inserção das mulheres no contexto cultural da região fronteiriça no sul do país, já desde o século XVIII até a primeira metade do século XIX, em uma sociedade patriarcal, latifundiária e pecuarista, onde predominavam valores vinculados à força masculina e à limitação da atuação das mulheres como donas de casa.

O período dessa formação da historiadora em Paris coincidiu com um momento de grande abertura, na França, de discussões, escritas e publicações sobre a História das Mulheres²⁵. Através do colóquio *Femmes et histoire*²⁶, realizado na Sorbonne, organizado por Georges Duby e Michelle Perrot, Pesavento teve acesso aos debates e leituras de pesquisadoras/es consideradas/os referências na área e de outros intelectuais interessados no debate, como Arlete Farge (CNRS) Roger Chartier (EHESS), Jacques Rancière (Paris VIII), Pierre Bordieu (Collège de France), Madeleine Reberieux (Paris VIII), Pierre Rosanvallon (EHESS), Janine Lavau (CNRS), Maurice Godelier (EHESS), Françoise Héritier (Collège de France), Danièle Kergo-

23 Informações a partir da carta de intenção para realização de pós-doutorado sanduíche direcionada à Michelle Perrot. Consulta no material do acervo SJP, pasta “Correspondências”.

24 A referência completa do artigo em questão: Mulheres e História: a inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteiriça (Rio Grande do Sul, Brasil). In: Zahide L. Muzart (org.). *Revista de Literatura Brasileira*, Florianópolis, n° 23, p. 54-72, 1991.

25 Sobre essa questão, ver artigo CLIO, *Histoire, Femmes et Sociétés : naissance et histoire d'une revue*, publicado em 2002. Acesso: <https://journals.openedition.org/clio/42>

26 O colóquio aconteceu na Sorbonne, nos dias 13 e 14 de novembro de 1992.

at (CNRS) e entre outros/as. Como registrou Perrot (1992), no prefácio dos anais desse encontro, um colóquio é, de certa forma, um ato simbólico de legitimação das intelectuais em espaços antes interditos a elas, sobretudo em uma instituição como a Sorbonne, lugar de alto nível intelectual, o que representa, consequentemente, um lugar de autoridade e poder da palavra.

Embora Pesavento não tenha tido a intenção e nem tenha adentrado nas discussões teóricas dos estudos de gênero e estudos feministas, é evidente, nas suas produções científicas, o esforço em trabalhar temáticas envolvendo a realidade de diferentes grupos sociais marginalizados da cidade de Porto Alegre, em que se encontram as mulheres e a sua condição subalternizada, sobretudo aquelas do final do século XIX. No primeiro congresso Fazendo Gênero²⁷, do ano de 1994, sendo uma das conferencistas, apresentou o trabalho *O Riso do Outro: Mulher e Caricatura Na Virada do Século*²⁸, publicado nos anais do evento. Cruzando imagens e discursos de um passado, ela recupera a representação das mulheres da sociedade portoalegrense, aquelas de classe privilegiada, através das caricaturas e piadas, publicadas em revistas e jornais de grande circulação popular.

É por demais conhecida a norma geral que parece presidir a “passagem” das mulheres na virada do século [XIX]: personagens das sombras, ‘rainha do lar’, retirada da intimidade do doméstico, silenciosa gerenciadora do privado, ausente do cenário público, excluída dos grandes acontecimentos motores da história. Paradoxalmente (mas um paradoxo de “superfície”, facilmente explicável), ela é motivo recorrente do deboche, da ironia, da caricatura, da “gag”, enfim, da genialidade do fino humor do “outro”. É nesta arte do cômico, seu pequeno mundo do privado é desnudado e trazido ao palco, seu comportamento é satirizado e estereotipado, suas preferências, atributos e atitudes ridicularizados. (PESAVENTO, 1996, p. 37)

Se as narrativas sobre as mulheres da cidade foram ofuscadas pelos documentos oficiais da história ou apareceram de forma ridicularizada, estereotipada e sob alvo das normativas do proceder feminino, como nos

27 Fazendo Gênero - Seminário de Estudos sobre a Mulher, sediado no Centro de Comunicação e Expressão (CCE). Evento realizado de 30 de novembro a 2 de dezembro de 1994. O congresso, hoje chamado de Seminário Internacional Fazendo Gênero, é uma referência no Brasil e no exterior e congrega uma ampla rede de pesquisadoras/es do campo de gênero e dos estudos feministas.

28 O Riso do Outro: Mulher e Caricatura Na virada do século. In: Zaidhé Muzart. (org.). FAZENDO GÊNERO. 1ed. Ponta Grossa: UFSC/EEPG, 1996, p. 37-42.

periódicos populares, a literatura gaúcha cumpriu papel de levar a conhecimento do público a representação de algumas mulheres, através em uma “forma refinada de resgatar a sensibilidade de outrora”, a exemplo de Ana Terra e Bibiana, da obra *o Tempo e o Vento*, personagens “remarcáveis por sua lucidez ante um mundo de machos em luta.” (PESAVENTO, 1996, p. 39). E foi através do viés da literatura e das personagens femininas que Pesavento se debruçou em um dos seus projetos de pesquisa mais representativos: *Os sete pecados da capital: personagens, espaços e práticas na contra-mão da ordem na cidade de Porto Alegre*. Executado com apoio do CNPq e FAPERGS, dentro da linha da História Cultural, ela e seu grupo de bolsistas se dedicam durante os anos de 2003-2006 à produção do conhecimento a respeito da trajetória de sete mulheres do século XIX e de seus envolvimento em sete crimes. O resultado da pesquisa foi publicado em 2008, na extensa obra *Os Sete Pecados da Capital*,²⁹. Pobres, marginais e marginalizadas pela sociedade de Porto Alegre, as personagens dessa obra - representando o “feminino perturbante” - condenadas ou absolvidas no final, “pagaram” um preço alto pelas razões desse regime de condutas que pautavam o sistema de valores sociais.

O trabalho é significativo, na medida em que, para além de contar a história do lugar, de sua cultura e de seus modos de vida social, as mulheres ganham protagonismo, emergem através da reconstituição das suas vidas, de uma perspectiva não-dita, silenciada pela história. Para Langue (2010), esse trabalho demarca a maturidade de sua intelectualidade, não somente por ser uma de suas últimas obras, mas por ser o encontro da pesquisa documental com a sua própria produção historiográfica, a respeito da cidade, do urbano e das fronteiras sociais, resultando naquilo que a autora compreende como “paisagens sensíveis”.

A realização de um estágio com Michelle Perrot, uma década antes do início desse projeto *Os Sete Pecados da Capital*, trouxe um aporte teórico considerável, a ver os resultados da produção científica e seus direcionamentos, mas também no sentido de uma maior abertura aos campos de conhecimento de Gênero e da História das Mulheres. Essa recepção se encontra através das orientações e bancas de mestrado e de doutorado em que ela esteve envolvida, entre as décadas de noventa e dois mil, com temas de pesquisa diversos, entre eles: análise do feminino e imaginário sexual na mitologia; representação e identidade da mulher no início do século XIX,

29 O projeto “Os sete pecados da capital: personagens, espaços e práticas na contra-mão da ordem na cidade de Porto Alegre”, contou com o apoio de quatro bolsistas BIC, financiados pelo CNPq: Kátia Marcianik, Sinuê Necker Miguel, Ialê Menezes Leite Costa e Nifertiti Krzeminsk.

em Porto Alegre; imprensa e masculinidade urbana em Florianópolis nos anos 1889-1930; nas trajetórias femininas judaicas no Rio Grande do Sul - século XX³⁰.

4 As redes de Pesavento: entre acordos institucionais, literatura e sensibilidades

O período de terceiro pós-doutorado de Pesavento no exterior foi realizado em duas etapas: em 1995, na Université Paris-Sorbonne, supervisionado pela historiadora greco-brasileira Katia Matoso (já falecida), e em 1996, novamente na EHESS, sob supervisão do historiador e sociólogo francês, Christian Topalov. Esse foi o momento das grandes inserções da historiadora em importantes instituições universitárias de Paris e em seus laboratórios de estudos americanistas e/ou da América Latina. Essas redes situavam-se na EHESS, onde há o laboratório CERMA (*Le Centre de recherches sur les mondes Américains*), no IHEAL (*Instituto des Hautes Études de l'Amérique Latine*), que é um componente da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, com o laboratório CREDA (*Centre de Recherche et de Documentation sur les Amériques*) e também na Paris Sorbonne - Paris IV, a qual possui a cátedra d'Histoire du Brésil, tendo como primeira professora emérita, a historiadora Kátia Mattoso (de 1988 até 1999) e atualmente a historiadora Laura de Mello e Souza.

O encontro de grupos de trabalho como esses, reunindo pesquisadores/as dos dois continentes, favorece a circulação internacional, pensando na realização dos percursos, nas idas e nos regressos, onde o “capital cultural”³¹ é incorporado, passando a ter efeitos significativos nas trajetórias e nas produções científicas. Além disso, os desdobramentos dessa dinâmica coletiva também contribuem para as relações de acordos internacionais como foi o caso de projetos de acordo bilateral em que Pesavento foi a interlocutora entre a UFRGS e universidades estrangeiras. Nesse contexto, considerando que os projetos desse tipo incentivam e beneficiam a mobilidade de doutorandos/as para realização de estágio no exterior, a atuação da historiadora, como mediadora, contribuiu para o alargamento das trocas de conhecimento e aprimoramento das investigações de tese, considerando que os deslocamentos levam e trazem experiências intelectuais diversas.

É pertinente marcar a importância dessa perspectiva de mobilidade dentro dos próprios programas de pós-graduação da UFRGS em que ela

30 As informações foram encontradas no CV Lattes da historiadora, disponível no endereço <http://lattes.cnpq.br/1760145213009265>.

31 Conceito criado pelo sociólogo Pierre Bordieu, na metade do século XX.

esteve vinculada (tanto na pós-graduação da História, como no PROPUR). Ou seja, através de elementos que os valorizam, tanto pelas questões avaliativas – seu desempenho, critérios que beneficiam as notas dos cursos – através das suas produções científicas em revistas internacionais, quanto dos arranjos acadêmicos entre os seus/suas colegas e as instituições francesas, os quais propiciam reconhecimento na carreira intelectual, através da formação no exterior.

Um terceiro fator relevante da atuação da historiadora nessa trajetória internacional é a dimensão que projetos de cooperação bilaterais em que ela esteve envolvida alcançaram. Nós nos referimos sobretudo aos dois acordos CAPES-COFECUB³², os quais se relacionam diretamente na inserção da universidade no contexto internacional da ciência. As relações entre instituições universitárias brasileiras e francesas estabeleceram-se mais fortemente a partir do acordo entre CAPES e COFECUB, iniciado em 1978, com objetivo, segundo o histórico apresentado no site da CAPES, de “incentivar o intercâmbio científico e o estímulo à formação de pós-graduandos e docentes vinculados a programas de pós-graduação de instituições de ensino superior e de pesquisa por meio de projetos conjuntos”³³. Rocha (2004) indica que, pelo menos metade das propostas apresentadas pela UFRGS ao programa, em meados da década de 1990, foram aceitas, em um total de 22 projetos aprovados - em andamento/execução naquela década -, colocando a UFRGS entre as principais instituições dentro desse acordo bilateral. Na avaliação, considerando um período mais amplo, o relatório oficial dos projetos CAPES/COFECUB, referente ao período entre 1978 até 2015³⁴, foram firmados um total de 876 acordos de projetos de pesquisa entre instituições brasileiras e francesas. Na UFRGS, um número considerável de 87 projetos, envolvendo diferentes áreas, foram acordados nesse período. Desse total, 72 relacionavam-se às áreas das exatas, biologia, ciências sociais aplicadas, engenharias, saúde e entre outras. Apenas 7 estavam vinculados à área das Ciências Humanas, sendo que dois deles foram coordenados por Pesavento.

O primeiro, em 1999-2000³⁵, intitulado “O mundo feito texto”, teve a parceria entre as universidades UFRGS/PPG-História e USP/Centro Angel Rama - representadas por Sandra Pesavento e Sandra Vasconcelos, respectivamente - e *Université Poitiers/Centre de Recherches Latino-Américaines* (Poi-

32 Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil.

33 Informação obtida no site da CAPES: <https://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/franca/cofecub>

34 Informações disponibilizadas pela Capes através do link: <https://www.capes.gov.br/.../1572015-Estatisticas-CapesCOFECUB-1978-2015.pdf>

35 Informações consultadas no Acervo SJP, na “Caixa 14 – Grupo Clíope”.

tiers/França), com interlocução de Ria Lamaire Mertens, holandesa, residente em Poitiers, da área da literatura, e contou com a parceria da EHESS/ÉFISAL³⁶, sob responsabilidade de Jacques Leenhardt. O segundo, realizado entre 2002-2004, na cooperação novamente entre as duas universidades brasileiras e a universidade francesa, EHESS/CRAL³⁷ Paris, com o projeto “Narrativas e imagens. Redescobertas do Brasil”. Ambos tinham o objetivo de “discutir e fazer avançar a reflexão sobre textos paradigmáticos que se apresentam como leituras do Brasil”³⁸ e tiveram desdobramentos relevantes, através das oito missões de trabalho (quatro em cada um dos projetos), reunindo esses/as pesquisadores/as no Brasil e da Europa, com discussões teóricas através do diálogo entre história e literatura, na análise e releitura de Gilberto Freyre – a recepção de sua obra na França – e de Sérgio Buarque de Holanda.

Durante esses dois períodos de realização do projeto, as atividades estavam diretamente ligadas a um outro grupo internacional e interdisciplinar de pesquisadores/as, coordenado por Pesavento, chamado Clíope³⁹. Esse grupo, concebido como projeto intelectual e aproveitando-se das redes institucionais, iniciou seus encontros e publicações anuais em 1994, ano de sua criação, tendo como objetivo trabalhar sob uma proposta crítica, a partir de um trabalho coletivo, combinado trajetórias pessoais, entrecruzando História e a Literatura, “em um esforço trans e interdisciplinar, que ultrapasse o de uma crítica literária ou de uma leitura histórica de um texto”⁴⁰. Estavam presentes nas reflexões, os conceitos de “representação, imaginário, memória, discurso, que estabelecem inter-relações complexas e permitem o diálogo entre a História e a Literatura e possibilitam uma pluralidade de pontos de vista, fornecendo mais ferramentas para o exercício do ato crítico”⁴¹. Esses discursos ligavam-se aos debates do grupo, como questões relacionadas à paisagem cultural, aos viajantes, à ficção, à história cultural urbana e relações França-Brasil. Algumas das referências estudadas, esta-

36 EFISAL - Fonction imaginaires et sociales des arts et des littératures.

37 CRAL - Centre de Recherches sur les Arts et le Langage.

38 Informações consultadas no Acervo SJP, na “Caixa 14 – Grupo Clíope”.

39 Dentre algumas atividades desenvolvidas pelo grupo, estão: seminários internacionais Clíope (1996 na França; 1997 em Campos do Jordão; 1998 na UFRGS; 2003, na França; 2005 na Itália), reuniões do grupo Clíope, realizados mais de uma vez em alguns anos (2003, 2004, 2006, 2007 na EHESS/Paris; 2004, em Bologna, na Università di Bologna; 2006 na UFRGS). Entre os integrantes mais atuantes no grupo Clíope, estiveram vinculados os seguintes intelectuais: Sandra Jatahy Pesavento, Jacques Leenhardt, Chiara Vangelista, Lígia Chiappini, Sandra Vasconcelos, Mônica Schpun, Stella Bresciani, Antônio Dimas, Flávio Aguiar, Roberto Vecchi, Ria Lamaire e entre outros.

40 Informações consultadas no Acervo SJP, na “Caixa 14 – Grupo Clíope”.

41 Informações consultadas no Acervo SJP, na “Caixa 14 – Grupo Clíope”.

vam vinculadas a Jean Baptiste Debret, Ferdinand Denis, Graciliano Ramos, Sérgio Buarque de Holanda, Auguste de Saint-Hilaire, Levi- Strauss, Blaise Cendrars, João Guimaraes Rosa. Após o falecimento de Pesavento, o Clíope se desfez e retomou suas atividades alguns anos depois, com um grupo menor⁴².

O plano internacional e interdisciplinar, como já comentado, foi o que permeou as duas últimas décadas de trabalho da historiadora. Voltando à EHESS, em um outro ciclo de formação, dentro do quadro dos seminários do historiador Serge Gruzinski, ela foi convidada a passar a participar do *Centre de Recherches de l'EHESS*, de forma a estabelecer projetos colaborativos envolvendo os pesquisadores desse centro⁴³, vindo depois a fazer parte do grupo de pesquisa *Les Lisières du Brésil* - CERMA/EHESS, que discutia questões teóricas e temáticas ligadas às fronteiras culturais do Brasil. E foi nesse mesmo círculo intelectual, ainda durante os seminários de Gruzinski, que Pesavento conheceu Frédérique Langue, historiadora e diretora de pesquisa do CNRS, especialista em estudos sobre a Venezuela e coordenadora do grupo de pesquisa *Histoire des Sensibilités*, do CERMA/EHESS, junto com apoio de Pesavento na coordenação das atividades, durante a década de 2000, reunindo uma rede intelectual constituída de pessoas de diferentes lugares, especialmente da América Latina e da França, interessadas em trabalhar através das margens da história. Em 2006, Frédérique Langue apontava que

Nos últimos anos, a história das sensibilidades tem, indiscutivelmente, se afirmado como uma corrente historiográfica, bem como a respeito dos seus antecedentes e mais particularmente ao paradigma fundador da história das mentalidades, seguida da história da representações - objeto e suporte da história -, no que se refere à diversificação temática e espacial de seus objetos de estudo. Tivemos a oportunidade de destacar a maneira como essa forma original de fazer história se desenvolveu, bem como a pluralidade de definições e influências compartilhadas. A história das sensibilidades constitui, de fato, uma outra história social com vocação global, que não exclui nenhum tema ou sujeito dessa história, por menor que seja ou efêmero em aparência. (LANGUE, 2006, p. 7)

No cruzamento de diferentes campos disciplinares, como literatura,

42 Atualmente o grupo Clíope é integrado por: Jacques Leenhardt, Chiara Vangelista, Antônio Herculano Lopes e Maria de Fátima Costa.

43 Informações consultadas no Acervo SJP, na Pasta: "Correspondências".

história e antropologia, as sensibilidades estiveram nas discussões teórico-metodológicas que permearam os estudos, os quais realizaram-se através de jornadas anuais, realizadas na EHESS, iniciadas em 2004, mobilizando um grupo dinâmico e diverso de investigadores/as latinoamericanistas. Os eventos eram seguidos de produções científicas, em grande parte publicadas na revista *Nuevos Mundos Mundos Nuevos*⁴⁴. Em 2007, a *IV Journée des sensibilités* privilegiou questões relacionadas à escrita da história nos domínios europeu, latino-americano e caribenho, através de objetos pouco explorados, até então, e que representam, para os/as historiadores/as, “os afetos e as paixões, os sincretismos que fundam as identidades, os conflitos das memórias e da construção de categorias historiográficas”⁴⁵. Nessa ocasião, participaram intelectuais brasileiros/as, parceiros/as - alguns de longa data - de Pesavento, como Mônica Velloso e Herculano Lopes (ambos da Casa de Rui Barbosa), Mônica Schpun (EHESS), Daniela Fialho (UFRGS), além de Roger Chartier (EHESS), Luc Capdevila (Université Rennes 2), Arlete Farge (CNRS) e Frédérique Langue (CNRS), vinculados à rede de estudos da História das Sensibilidades. Essa jornada de 2007 foi a última em que Pesavento participou. Em sua conferência, apresentou o trabalho do pintor e desenhista francês, Jean-Baptiste Debret, interpretando as imagens e o discurso que Debret produziu sobre o Brasil, apreendidas através de um olhar estrangeiro. Esse olhar do ‘outro’ sobre a diferença, no caso dos viajantes, veio “carregado de conhecimento científico e, frequentemente, de preconceitos, classificações e atribuições de valor formuladas de forma apriorística.” (PESAVENTO, 2007, p. 2).

E foi no estudo a respeito da percepção sensível do espaço feita por Debret que a historiadora se concentrou: na captura da “materialidade do urbano e da natureza”, como “elementos portadores de emoções e significados, dando a ver o “imaterial”: aquilo que chamamos da alma desta cidade e que pode ser traduzida por um *ethos* particular, uma especial maneira de ser, correspondente a valores e a um certo proceder social.” (PESAVENTO, 2007, p. 6). A reflexão sobre as apreensões e apropriações emocionais dos lugares, sobretudo das cidades, acompanharam o processo de construção de seu pensamento. Assim como as sensibilidades estavam presentes no domínio teórico refletido por Pesavento, também permearam a noção de sua própria trajetória de vida, como intelectual.

44 Acesso à revista através do link <https://journals.openedition.org/nuevomundo/>

45 Informações foram retiradas do site onde há a transmissão de todas as comunicações, debates e conferências dessa jornada de 2007: <https://www.canal-u.tv/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito tem sido escrito sobre o processo acadêmico de internacionalização, como um movimento mundial, considerando a sua repercussão no percurso intelectual de cientistas. No entanto, a maioria das pesquisas não privilegia o recorte de gênero em suas análises. Considerando que cada sujeito tem a sua própria experiência, devemos reconhecer, como aponta França (2016), os privilégios envolvidos em certos tipos de trânsitos internacionais, principalmente aqueles subsidiados e apoiados por programas de mobilidade. Ainda assim, é relevante analisar que as práticas e relações hierárquicas, dentro das instituições acadêmicas, nem sempre acontecem da mesma forma para todos/as, entrando nesse debate os marcadores sociais, entre eles gênero, classe, raça e geração.

Através da perspectiva dos deslocamentos nos caminhos da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, encontramos um caminho para refletir a dinâmica da circulação do conhecimento entre intelectuais e reforçar a importância de trazer para o debate a participação das cientistas no processo acadêmico de internacionalização. Em um processo de intensos diálogos interdisciplinares, transitando em espaços favoráveis ao engajamento intelectual, o percurso de Pesavento não se faz de maneira unilateral, ele se encontra com outras trajetórias, estabelecendo redes de sociabilidade e de colaboração, em uma complexa dinâmica de interação e interferências do tempo, do espaço e das epistemologias. No seu percurso, a partir da década de noventa, percebemos o *corpus* da sua pesquisa como um *corpus* em trânsito: engajou-se em diferentes frentes, ganhando expressão em outras áreas do conhecimento, especialmente na arquitetura, quando trabalha a cidade e a importância da sua materialidade e do seu traçado, assim como a perspectiva de uma cidade sensível e imaginada. Nesse empreendimento intelectual, também cooperou na interlocução e articulação entre colegas, alunas e as instituições estrangeiras.

A formação no exterior teve, nos anos noventa, no Brasil, um momento de expansão, sendo uma das principais funções desenvolvidas nos programas de internacionalização das universidades. As viagens intelectuais se direcionam para lugares previamente reconhecidos em uma ou mais áreas da ciência, como é o caso da França para os/as historiadores/as. O exercício da pesquisa e das relações estrangeiras de Pesavento, sobretudo em território francês, também se deu como uma forma de legitimar um interesse intelectual. Assim como outros/as intelectuais de sua geração, as experiências de internacionalização foram propulsoras de carreiras. O movimento de constantes trocas entre pesquisadores/as de diferentes nacionalidades e vivências e aprendizados - no cruzamento de projetos, temáti-

cas e grupos de pesquisa - fazem acontecer o que se entende por “circulação internacional ou transnacional de saberes”, onde ideias e representações passam por novas reconfigurações e complexificações, oportunizando transformações epistêmicas (DAHAN-GAIDA, 2016). As implicações das experiências no exterior se dão em nível de trocas, na ampliação das redes de contatos e no ritmo de produção científica que se acelera, tendo em vista que é uma das vias obter reconhecimento, mas também acontecem em função da demanda pela alta produtividade, imposta pelo sistema acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BARRÈRE, Anne; MARTUCCELLI, Danilo. « La modernité et l'imaginaire de la mobilité: inflexion contemporaine », **Cahiers internationaux de sociologie**, v. 118, n. 1, p. 55-79, 2005.
- DAHAN-GAIDA, Laurence. Introduction: Savoirs en mouvement. Circulation, percolations, reconfigurations. In: *Circulation des savoirs et reconfiguration des idées : Perspectives croisées : France-Brésil* [en ligne]. Villeneuve d'Ascq : Presses universitaires du Septentrion, 2016.
- GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 62-77.
- FIALHO, Daniela M.; MONTEIRO, Charles; SANTOS, Nádia M. W. História Cultural da cidade: sensibilidades, imagens, urbano e literatura – uma homenagem à historiadora Sandra Jatahy Pesavento. Apresentação *Mou-seion*, UniLasalle, v. 1, p. 10-21, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/117037>.
- FRANÇA, Thais. Mulher, imigrantes e acadêmicas: teorias da interseccionalidade para pensar a mobilidade científica. **Tomo (UFS)**, v. 28, p. 203-240, 2016.
- FRANÇOISE, Blum; MURIEL, Carduner-Loosfelt. **Du genre en histoire des intellectuels**. Table ronde. Mil neuf cent. Figures d'intellectuelles. n. 16, p. 133-143, 1998.
- GRANSOTTO, Luciana Rodrigues; WOLFF, Cristina Scheibe. Voyages de femmes intellectuelles du 21^e siècle. Formes de subjectivités dans l'imprimé et les publications numériques. **Revue Archée**, v. 1, p. 1-6, 2019.
- HAASE-DUBOSC, Danielle. Intellectuelles, femmes d'esprit et femmes savantes au XVII^e siècle. **CLIO. Histoire, femmes et sociétés**, Toulouse, v. 13, p. 34-67, 2001.
- HEYMANN, Luciana Quillet. **A invisibilidade dos arquivos femininos**: entrevista com Luciana Quillet Heymann (Entrevista feita por Cristiane d'Avila). In: *Café História – história feita com cliques*. 2020. Disponível em: www.rihgrgs.org.

cafehistoria.com.br/entrevista-com-luciana-heyman/.

LANGUE, Frédérique. Les vertus de l'histoire urbaine selon Sandra Pesavento. Introdução do dossier Aux confins de l'histoire urbaine et de l'histoire culturelle – Hommage à Sandra Pesavento. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/58812>.

LANGUE, Frédérique. Présentation. In : L'Amérique latine et l'histoire des sensibilités. Toulouse: **Caravelle**, Cahiers du monde hispanique et lusso-brésilien, n. 86, p. 7-11, 2006. Disponível em: www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_2006_num_86_1_2916

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, 2003.

LIBLIK, Carmen S. F. K. A formação e a profissionalização de historiadoras universitárias brasileiras (1960-1980). **História Oral**, v. 18, p. 7-34, 2015.

LIBLIK, Carmen S. F. K. **Uma história toda sua**: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2017.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

PERROT, Michelle, DUBY, Georges. **Femmes et Histoire**. Colloque organisé par Georges Duby, Michelle Perrot et les directrices de L'histoire des femmes en Occident, Sorbonne. Paris: 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Riso do Outro: Mulher e Caricatura na Virada do Século. In: FAZENDO GÊNERO. **Anais do Seminário de Estudos sobre a Mulher**. Centro de Publicações Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma cidade sensível sob o olhar do outro: Jean-Baptiste Debret e o Rio de Janeiro (1816-1831). **Nuevo Mundo-Mundos Nuevos**, v. 7, p. 16, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/3669>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Riso do Outro: mulher e caricatura na virada do século. In: MUZART, Zaidhé (org.). **Fazendo Gênero**. Ponta Grossa: UFSC/EEPG, 1996. p. 37-42.

ROCHA, Sílvia. **As relações internacionais na UFRGS**. Porto Alegre: Univer-

- sidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- ROCHEFORT, Florence. À la découverte des intellectuelles. **CLIO. Histoire, femmes et sociétés**, Toulouse, v. 13, p. 5-16, 2001.
- SANTOS, Nádia M. W.; MEIRELES, Maximiliano M. O arquivo pessoal da historiadora Sandra Jatahy Pesavento e as Sensibilidades enquanto campo teórico e método de análise. **Artelegie**, 2009. Disponível em <http://journals.openedition.org/artelogie/3933>.
- SILVA, Janine. Sobre a “aventura intelectual da história das mulheres”: entrevista com Françoise Thébaud. **Revista Estudos Feministas** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 195-216, 2003.
- SIRINELLI, Jean-François. Historiennes et historiens baby-boomers: une génération pivot. In: POTIN, Yann ; SIRINELLI, Jean-François Sirinelli (orgs.). **Génération historienne**. XIXe-XXe siècle, Paris: CNRS, 2019.
- SMITH, Bonnie G. **Gênero e história**: homens, mulheres e a prática histórica, Bauru: EDUSC, 2003.
- THÉBAUD, Françoise. Políticas de gênero nas Ciências Humanas. O exemplo da disciplina histórica na França. **Espaço Plural**, ano X, n. 21, 2º semestre, p. 33-42, 2009.

Recebido em 30/05/2020

Aprovado em 04/11/2020